

# Sumário

---

Apresentação .....	v
--------------------	---

## PRIMEIRA PARTE MARCO TEÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

<b>1</b> DIDÁTICA, ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO ESPECIAL .....	15
Educação especial e sua relação com as ciências da educação .....	15
A educação e as ciências .....	15
A didática como referência para a educação especial .....	27
A organização escolar como marco para o desenvolvimento da educação especial .....	38
A interdisciplinaridade da educação especial .....	52
 <b>2</b> A EDUCAÇÃO ESPECIAL COMO DISCIPLINA CIENTÍFICA .....	 59
O conteúdo disciplinar da educação especial .....	59
Delimitação conceitual: considerações terminológicas .....	59
Diferentes noções e conceitos de educação especial .....	64

Os sujeitos: objeto de estudo da educação especial .....	71
Modelos e enfoques para definir os sujeitos .....	72
Ação da educação especial: modelos e técnicas .....	80
Fundamentação teórica da educação especial .....	82
Fundamentos da educação especial como disciplina científica: para uma construção epistemológica .....	83

### **3 PERSPECTIVAS ATUAIS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL .....** 91

Enfoques atuais da educação especial .....	91
O processo de reconceitualização terminológica: da educação especial às necessidades educativas especiais .....	103
Introdução .....	103
Necessidades educativas especiais: uma alternativa à categorização? .....	108
Tipos de necessidades educativas .....	113
Reflexão crítica sobre o processo de reconceitualização .....	117
O movimento da escola inclusiva: para onde vamos? .....	118

## **SEGUNDA PARTE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL À EDUCAÇÃO NA E PARA A DIVERSIDADE**

### **4 PROJETO E DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO EM PROCESSOS DE ATENÇÃO À DIVERSIDADE .....** 127

Currículo, compreensibilidade e diversidade .....	127
O currículo como fator de mudança facilitador de atenção à diversidade .....	136
A diversidade como referência para o projeto de currículo .....	140
Desenvolvimento curricular e atenção à diversidade .....	144
Uma nova perspectiva: currículo básico, comum e intercultural .....	149
Estratégias curriculares para a atenção à diversidade .....	155
Do currículo paralelo ao currículo adaptado .....	158
Programas de desenvolvimento individual .....	159
Adaptações curriculares .....	162

Diversificação curricular .....	171
Programas de garantia social .....	174
Respostas à diversidade a partir de recursos técnicos e tecnológicos .....	183
Importância da avaliação em contextos de diversidade .....	188

## **5 ESTRUTURA ORGANIZATIVA E A ATENÇÃO**

### **À DIVERSIDADE .....**

Diversidade, escola compreensiva e organização escolar .....	197
Modelos de orientação e apoio .....	201
Uma nova perspectiva: modelo de apoio centrado na escola .....	214
Características da organização escolar favorecedoras da atenção à diversidade .....	217
Estruturas organizativas para atenção à diversidade: níveis de intervenção .....	225
A orientação: professor orientador .....	226
A escola: especialistas e setores de orientação .....	227
O distrito educativo: equipes multiprofissionais .....	235

## **6 FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS PARA ATENDER**

### **À DIVERSIDADE .....**

Os profissionais frente à diversidade: novas necessidades formativas .....	241
Formação inicial .....	245
Formação permanente .....	251
Formação questionadora-cooperativa centrada na escola como estratégia formativa .....	253

Referências Bibliográficas .....	261
----------------------------------	-----

## Apresentação

---

A década de 90 representa no mundo educacional uma ênfase sobre a “diferença”, ou, se preferirmos, uma volta à individualização e à diversificação. Tanto a preocupação científica como as diretrizes sociais coincidem no tempo e nas proposições.

A generalização de conhecimento, nesse caso, ao invés de provocar sua “deslocalização”, isto é, a uniformidade no conhecimento e nos tratamentos que dele derivam, fez com que se desse atenção ao indivíduo e às circunstâncias que o tornam diferente. O que se pretende hoje, em última análise, é adaptar às circunstâncias internas e externas dos alunos a partir dos velhos princípios do ensino individualizado: liberdade, ação, autocontrole, continuidade, liberdade e contextualização.

Entretanto, não se trata somente de uma volta a proposições anteriores – embora, efetivamente, muitas delas estejam presentes hoje – e, sim, de estabelecer, por um lado, uma nova visão sobre o discente a partir de seu “estado” e, por outro, uma nova visão a partir de sua relação com os marcos que lhe servem de referência, desde as suas necessidades educacionais.

Com base nisso, o autor da presente obra se detém, em primeiro lugar, na educação especial, na educação que toma como ponto de referência o indivíduo que aprende, o sujeito da educação, mas consciente de que esse fato não pode levar a considerá-lo “outro” sujeito educacional, transfere essa visão para o tratamento – mais global e inclusivo – das necessidades educativas especiais.

A proposição central é, pois, a educação NA diversidade e PARA a diversidade, e é tratada aqui a partir de sua projeção na configuração do currículo.

lo, na organização educacional e na análise de novas diretrizes de formação para os profissionais da educação que possibilite esse tratamento.

As rápidas transformações sociais e os avanços científico-culturais estão provocando novas visões e novas proposições educacionais na medida em que estão dando lugar a novos valores e estabelecendo novas necessidades a atender a partir do ensino. Hoje, não se trata apenas de integrar, mas de “incluir” a todos e fazê-lo, não a partir de proposições assistenciais ou voluntaristas, mas de perspectivas profissionais devidamente assentadas. Talvez por isso sejam esquecidas, nesse âmbito, as referências puramente biológicas, médicas, psicológicas ou de rendimento acadêmico, para colocar também questões sociológicas e didáticas, como as curriculares, organizacionais ou de formação do professorado, que são as que o autor toma como eixo argumentativo nesse caso.

Para que se entenda bem essa mudança, talvez seja necessário lembrar até onde havia chegado a didática no tratamento individualizado, antes que surgisse essa nova visão que está presente na obra que apresentamos. A didática, efetivamente, sempre tomou como referência o sujeito que aprende, o aluno, ao mesmo tempo em que tomava como referência o docente e o conteúdo, ou a própria atividade inerente a todo processo de ensino e aprendizagem. Na prática, essa preocupação pelo aluno gerou, basicamente até agora, dois tipos de “tratamentos” educativos: um tomando como referência a relação discente-conteúdo, ou, melhor dizendo, discente-ensino, e outro, a relação discente-processo de aprendizagem.

No primeiro caso, criaram-se modelos que, considerando o discente como eixo central da ação educativa, atribuíam o papel mais relevante para o docente. Realmente, são modelos cuja ênfase é dada ao conteúdo, à transmissão cultural, daí dizermos que giravam em torno do ensino. Em geral, são modelos cuja pretensão é obter o melhor ensino por meio de uma apresentação mais eficiente dos conteúdos. Seu modelo mais característico é a “globalização”, embora haja mais: Método Global ou Natural, Centros de Interesse, Unidades de Trabalho, Unidades Didáticas, etc.

No segundo caso, o ensino é considerado como uma variável da função de aprendizagem. O elemento-chave continua sendo o discente, mas, nesse caso, o docente se transforma em mediador para a realização da aprendizagem. Os modelos gerados por essa perspectiva tomam como referência o “Ensino Individual” e em seu desenvolvimento aparecem: Agrupamentos Diferenciados, Atenção Individualizada, Ensino Prescrito, ainda que, desde muito cedo, se possam constatar esforços diferenciadores na didática.

Agora são retomadas as duas perspectivas, mas de um modo mais global e integrador, caso seja permitida a expressão. Talvez, por isso, a atenção à

diversidade venha adquirindo *uma relevância* muito especial, tanto do ponto de vista teórico quanto prático. Ao mesmo tempo em que houve avanços na atitude da sociedade, conseguiu-se um melhor conhecimento dessa realidade e uma melhor organização dos serviços que a realidade educacional esteve exigindo.

Contudo, estamos numa realidade que ainda parece um pouco fragmentada e dispersa. Talvez a pluridimensionalidade de seu objeto de estudo e, mais ainda, a amplitude e a imprecisão de seu campo de atuação, ou de recente identificação como fato educativo, tenham-na feito assim, mas o caso é que estamos frente a um âmbito profuso, que, por isso mesmo, é percebido por muitos como difuso.

O caso é que é um âmbito em constante desenvolvimento, recente, mas com uma vitalidade como quase nenhum outro âmbito educacional. Tanto é assim que talvez este seja o âmbito que conta com o trabalho mais entusiasta dos profissionais, com o maior desenvolvimento metodológico, a maior difusão, a maior atividade legislativa e, por isso mesmo, o maior avanço.

Em muito pouco tempo, conseguiu-se:

- Mudar a concepção dos transtornos do desenvolvimento.
- Dar importância aos processos de aprendizagem e às dificuldades dos alunos acima do ensino dos professores ou da metodologia, por exemplo.
- Desenvolver métodos centrados nos processos e não nos resultados.
- Aumentar a preparação e a especialização dos profissionais das escolas.
- Aumentar as experiências positivas de integração.
- Criar uma corrente “normalizadora” em toda a sociedade.

Convém acrescentar que a “integração escolar”, em geral, e o tratamento do que está subjacente a esse conceito é algo que está acima dos processos ou das estratégias que contém, é algo mais que um conceito ou uma normativa, é, acima de tudo, uma ação específica que necessita do coletivo, que necessita de um marco de condições, de alguns apoios, do trabalho em equipe e de uma série de modificações institucionais.

Educar, sob essa perspectiva, não é só criar espaços especializados para um aluno, é, sobretudo, criar espaços capazes de lhe proporcionar uma vida satisfatória. Educar, pois, não se resolve somente pela via “técnica” e “especializada”, mas também pela via da solidariedade e da diversidade. E, com toda a certeza, esta obra pode contribuir para isso.

*Angel Pío González Soto*  
Catedrático de Didática e Organização Escolar  
Universidade Rovira e Virgili  
Tarragona